

FACEBOOK: IDENTIDADE E (IN)SEGURANÇA? OS PERIGOS DA LINGUAGEM SILENCIOSA*

FACEBOOK: IDENTITY AND (UN) SECURITY ? DANGERS OF SILENT LANGUAGE

Vanda Sousa - CISC-NOVA Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa)

RESUMO: A substituição do átomo pelo *bit* está a caminho de transformar o *homo sapiens* em *homo digitalis*. A presente reflexão discute se este continua a caracterizar-se pela afirmação identitária no eixo da temporalidade ou se passará a discutir-se como expressão da sua (in)segurança numa (in)temporalidade. Para isso, começaremos por demonstrar que a identidade se constrói pela linguagem e que esta é, nesse sentido, essencial ao homem, sustentando a sua subjectividade e a sua temporalidade. Tentaremos responder à pergunta: na Era das Redes Sociais Online, estaremos, consciente (ou inconscientemente), a abandonar o espaço comunicacional constructivo da identidade para dar lugar a um diálogo virtual que coloca à venda a nossa identidade, nos constrange e estabelece as fronteiras da nossa própria (in)segurança?

PALAVRAS-CHAVE: Facebook. Identidade. Segurança. Mídia Social. Linguagem. Humanísticas Digitais.

ABSTRACT: Replacing atom by bit are we on tract to spare homo sapiens to homo digitalis? We intend to discuss whether language remains the key of identity in the axis of temporality or will be an expression of (un) security in a (un) temporality. We will clarify identity as being constructed through language and as essential to mankind as support of subjectivity and temporality. We expect to be able to discuss if, in Online Social Network Era, communication space is also constructing an identity or is placing a virtual dialogue, which will constrains us and will establish the boundaries of our own (un) security.

KEYWORDS: Facebook. Identity. Social Media. Language. Digital Humanistic.

Introdução

Sendo a linguagem inata, natural e não um constructo ou instrumento fabricado, a sua actualização sob a forma de discurso foi, contudo, utilizando, ao longo dos tempos, os aparatos técnicos desenvolvidos pelo homem. Desde os desenhos e inscrições deixados nas paredes das cavernas até às Redes Sociais Online, a linguagem acompanhou a evolução ontogenética e filogenética na marcha da humanidade. A pergunta que colocamos é: será (ou não) possível dizer que as novas formas de actualização da linguagem respeitam a sua função essencial de constructora da identidade?

Para responder a esta interrogação, começaremos por demonstrar que a linguagem é o lugar de construção da identidade para, depois, discutirmos se e de que modo os novos suportes comunicacionais afectam o modo de ser homem.

1 A Linguagem e a construção da identidade

Benveniste (1966) discute o conceito de linguagem como único e legítimo fundante da identidade. Para Benveniste, é à linguagem que cabe a legitimidade de fundar a identidade. A linguagem é considerada natural ao homem, no sentido que se não lhe reconhece a propriedade de

* XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

instrumento fabricado. Assim, a linguagem é inata e compreende os elementos linguísticos e não linguísticos (gestos, expressões faciais ou mímicas, atitudes ou outros). Reconhecida como inata, a linguagem não permite conceber um homem separado da linguagem, como não permite conceber um homem a engendrar a linguagem. O homem é homem falante com outro homem falante.

Assim, a função instrumental não pertence à linguagem, surge a cada acto de fala enquanto actualização da linguagem que tem lugar no vai-e-vem da palavra quotidiana. Ou seja, a linguagem configura-se na comunicação através da palavra actualizada e cuja legitimidade decorre de ser na linguagem que o homem se constitui sujeito, sendo certo que, como pretende Benveniste, é a linguagem que possibilita a emergência do conceito de ego.

Assim, a linguagem permite ao homem a experiência da subjectividade, entendida como unidade psíquica que assegura a permanência da consciência quando o ego se diz ego, vindo à realidade do ponto de vista psicológico, mas também fenomenológico. A consciência (ego) surge por contraposição, quando digo eu e me dirijo, na condição de diálogo, a um não eu que surge como um tu que, por sua vez, me fará surgir como tu, na alocação em que se dirá eu. Ou seja, a linguagem é, o lugar e tempo, em que um locutor se coloca como sujeito (como eu), se dirige a um tu, mas que, reciprocamente, retorna enquanto eu que se dirige a um eu que agora é dito tu.

A linguagem é o lugar de construção da consciência e pressupõe a relação de reciprocidade que envolve a consciência do eu por contraposição à consciência do outro ao qual me dirijo. Assim sendo, tem como condição de possibilidade que cada locutor se coloque como sujeito face ao outro e retorne a si mesmo como eu no seu discurso.

A relação eu/outro é, então, não de antinomia, mas dialéctica: é instalado na sua consciência que o eu percebe o outro, ao mesmo tempo que se percebe a si mesmo. Neste sentido, Benveniste defende que a linguagem permite a cada falante apropriar-se da língua ao designar-se como eu e, assim, cada falante fará emergir a sua identidade.

A linguagem surge como o lugar de construção da identidade de cada vez que um ego diz: Eu Sou! Desta forma, a linguagem projecta a identidade na auto-consciência expressa no pronome pessoal, dando lugar ao exercício da subjectividade.

No conjunto das unidades lexicais, cabe aos pronomes pessoais a capacidade de afirmação da identidade, posto que, quando digo eu, não é produzida uma imagem mental que inclua todos os eus referidos a todo e qualquer momento, pelo contrário, quando digo eu, a cada vez, estabeleço a minha identidade.

2 Linguagem: identidade e temporalidade

Para Benveniste, a linguagem indexa a identidade à temporalidade. Isto é, não é possível pensar a linguagem fora do tempo: o momento em que eu falo é auto-referencial do eterno falar. Assim, a cronologia dos acontecimentos é determinada pela temporalidade que lhe é atribuída a cada momento, por cada sujeito falante.

Daqui segue-se que, não só a linguagem determina a identidade, como também determina a temporalidade (psicológica e fenomenológica) do eu. A cada acto de fala, o eu estabelece as coordenadas temporais por referência ao momento presente em que fala. A actualização da linguagem constrói a temporalidade ao representar o passado e o futuro que se separam do presente que, em si mesmo, é auto-referencial porque implica a coincidência entre o acontecimento descrito com a instância do discurso que a descreve.

Assim, a linguagem estabelece uma identidade que não é estática, antes, é dinâmica de cada vez que a linguagem convoca a temporalidade.

3 Linguagem e actos de Fala: O inato e o artefacto técnico

Como se estabeleceu acima, Benveniste não confirma a linguagem como instrumento ou fabricação do homem, reservando ao acto de fala o carácter técnico que não reconhece à linguagem, em si mesma. Ou seja, pode depreender-se que a comunicação e o seu exercício traduzem não a linguagem em si mesma, mas o acto de fala, enquanto actualização da linguagem pelo uso quotidiano da palavra.

4 Identidade do Facebook

A 4 de Fevereiro de 2004 surgia o Thefacebook que, em 2005, se transforma em Facebook confirmando o seu estatuto de Rede Social Online de encontros. O Facebook apresenta-se com as três funcionalidades: criação de conteúdos por parte dos utilizadores, caracterização de perfil e lista de amigos (*friends*). Em 2007, adicionou o aplicativo dos *gifts* e do mural (*wall*) e passou a comportar o *post* de textos, fotografias, mas também anexos. Em 2011, é lançado o Calendário que permite organizar e marcar eventos e permite o uso de dados, igualmente surgiu a aplicação de voz através do *chat*, e lançou o serviço de chamadas *video* (ainda que esta não seja das aplicações que reúne maior popularidade). Em 2012, lança a funcionalidade da partilha de música (*listen with*) e a polémica linha do tempo (*timeline*) que renova o seu design em 2013 e substitui a famosa pergunta *o que estás a fazer?* Pela menos bem recebida *o que estás a pensar?*

De acordo com o manual do Facebook, esta plataforma permite a ligação *online* de amigos e familiares e a partilha de acontecimentos, nesse sentido, a *timeline* apresenta-se como um jornal no qual se pode ler a vida de cada usuário, ilustrada por fotografias e constantemente actualizada através da aplicação *notifications*.

Com o avanço tecnológico, o Facebook ganhou mobilidade nos ecrãs dos *smartphones*, *ipads*, *tablets* que, acompanhada por uma diminuição dos custos do uso da internet, se consagra, hoje, como a Rede Social Online com o maior número de usuários.

5 Facebook e os actos de fala

Aceitando o Facebook como lugar de actos de fala que identidade surge do diálogo estabelecido? No Facebook, consideramos actos de fala susceptíveis de estabelecer diálogo quer as inscrições de texto (elementos linguísticos na abordagem de Benveniste), quer os posts de fotografias, de vídeos ou ícones (elementos não linguísticos). O diálogo *offline* pressupõe a presença física num mesmo espaço e num mesmo tempo, pressupõe a interacção de sujeitos falantes. Assim, o que começa por estabelecer a diferença para o mundo *online* é a separação física. O Facebook transpõe para o mundo *online* a situação do acto de fala do mundo *offline*. No Facebook, estabeleço diálogo com o outro ou outros, mas aqui, proponho-me o diálogo com identidades sem corpo (Marwick, 2013).

O Facebook propõe uma identidade, mas não pode propor um corpo físico. Cada usuário tem uma fotografia e tem um perfil, pode até estabelecer uma chamada vídeo, mas mantém-se a necessidade de aferir se a presença do outro se torna real ou permanece virtual. Neste questionamento deve ter-se presente que a aplicação da chamada de voz não é das mais usadas, ou seja, os usuários tendem a preferir a actualização da palavra pela escrita, pelo post de fotografias ou de ícones, raramente recorrendo ao à voz que corporaliza o diálogo ao conferir-lhe a sonoridade que convoca a presença física. Se a fotografia de perfil pode conferir um rosto à caracterização de perfil consagrada por um usuário, se as fotografias postadas ou a escrita podem pretender adequar-se e legitimar os dados, na verdade, a voz terá sempre maior eficácia na confirmação da veracidade de quem (ou do que) o outro diz ser.

O diálogo no mundo *offline* pressupõe a presença física, isto é, o diálogo pressupõe um eu que se dirige a um outro que retorna na alocação como um eu. No mundo *online* do Facebook, que eu se dirige a que outro? Ou por outras palavras, os actos de fala produzidos no Facebook terão a mesma essencialidade na construção da identidade que os actos de fala produzidos no mundo *offline*?

O diálogo *online* do Facebook é construído por actos de fala, assim sendo, continua a pressupor a construção de uma identidade (o eu que diz eu!). Ou seja, convocando para o binómio *offline*- real/*online*- virtual, o conceito de identidade proposto por Benveniste, impõe-se a distinção: no mundo *offline* está-se, tendencialmente, na presença física dos sujeitos que estabelecem o diálogo, no mundo *online*, está-se face a identidades – subjectividades ainda – mas na presença virtual.

A presença virtual das identidades distingue-se, ainda, das presenças reais, dado que no Facebook, nem sempre o eu se dirige a um tu. Isto é, porque se constrói numa teia de relações e conexões virtuais, os diálogos inscritos no Facebook dirigem-se a um tu que, pressupomos, retornará na alocação como um eu, mas estará disponível para múltiplos tu dos quais não tomámos consciência por contraposição quando inscrevemos eu!

No Facebook, a consciência que diz eu por contraposição ao outro, torna-se virtual, na medida em que virtualmente pode ser qualquer tu que se reporta na alocação. No Facebook, o diálogo pode subsistir por via de múltiplas ligações entre amigos tornando assim virtual o tu a quem o eu se dirige, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, o Facebook enfatiza a identidade que se expressa pela inscrição de actos de fala, de cada vez e sempre que os torna registos permanentes e inalienáveis.

No mundo real, a linguagem produz e actualiza a identidade reportando-se à temporalidade: o eu auto-referencia-se ao presente do eterno falar, no mundo *online* está-se perante um presente virtualmente eterno. Isto é, ao falar (postando), o sujeito pode referenciar-se a um presente, mas o acto de fala no Facebook ganha a permanência da inscrição de um traço digital. No *online*, o acto de fala ainda que reportado a uma temporalidade, terá a temporalidade actualizada sempre e de cada vez que se estabelecer uma conexão *online*.

Enquanto plataforma de encontros, o Facebook está vocacionado para manter o contacto entre os usuários, assim, está construído tendo em vista enfatizar o presente, privilegiando os conteúdos mais recentes e fazendo recuar, no *feed news*, conteúdos menos actuais. Contudo, como Zaho et al (2013) sublinham, mesmo que as inscrições, os posts, que um eu inscreve, na sua conta de Facebook, sejam pensadas como reportando-se a um presente, essa inscrição não implica a sincronia presente num diálogo *offline*. No mundo real, eu falo para um tu que me responde sincronicamente ao meu acto de fala, no Facebook, no mundo *online*, entabulo diálogos que sendo assíncronos podem, virtualmente, acontecer em qualquer tempo e em qualquer lugar.

Esta assincronia possível no acto de fala produzido no Facebook, no mundo *online*, imprime um hiato temporal no diálogo. No Facebook, um acto de fala pode ser iniciado pela inscrição no mural, ou pela mensagem privada no chat. Pode ser iniciada na convicção da presença *online* do tu ao qual me dirijo, contudo, não há inevitabilidade no imediato presumido. No mundo real, no *offline*, o eu dirige-se a um tu que retornará na alocação, seja ela falada (linguística) ou para linguística, por mímica, gestos, atitudes ou mesmo pela simbólica do silêncio. No Facebook, o comentário, a partilha ou o like podem não partilhar a temporalidade do que é inscrito supondo esse *feed-back*. Outra diferença que se regista é a impossibilidade de aferir o *feed-back* recebido. No mundo real, os sinais para linguísticos permitem ao eu aferir a resposta recebida, no mundo *online*, todos os comentários podem ser virtualmente verdadeiros ou falsos, todas as partilhas podem ser, virtualmente, feitas com uma conotação diferente da desejada, todos os likes podem, virtualmente, não ser likes: quer porque o Facebook não comporta a carga negativa de um ícone para não-like, quer porque não há como aferir da intencionalidade do retorno recebido ou da sua veracidade porque, tal como não pode um eu assegurar-se da veracidade da resposta, também não pode

assegurar-se da veracidade do tu a quem se dirige. No Facebook constroem-se perfis falsos ou, se preferirmos, personagens, pelo que, no Facebook está-se condenado à verosimilhança. No Facebook, o eu interage com o que um tu diz ser. A plataforma não reconhece a veracidade dos perfis, recepciona-os e aloja-os a troco das informações e dados que cada perfil lhe fornece e que o Facebook se disponibiliza a vender.

Falar com desconhecidos não é exclusivo do mundo *online*, também no mundo real constantemente falamos com desconhecidos ou desconhecemos verdadeiramente com quem falamos. Mas estes tendem a ser ou podem ser diálogos puramente circunstanciais ou que remetemos para o esquecimento. No Facebook, o mais insipiente dos traços digitais permanece silencioso na possibilidade de ser restabelecido mesmo perante a morte do eu: no mundo real, os mortos retornam na alocação como passado, mas, no Facebook, permanecem vivos, impossibilitados de morrer e mantendo-se auto-referenciados ao presente.

6 Conclusão: Que linguagem falo e que linguagem me fala?

Partimos da pergunta será (ou não) possível dizer que as novas formas de atualização da linguagem respeitam a sua função essencial de construtora da identidade? Para encontrar uma resposta tomámos, de Benveniste, o conceito de linguagem como constructora da identidade actuando no eixo da temporalidade e na consciência do eu versus a consciência do não eu e confrontámos a Rede Social Online, Facebook com esta concepção. Analisando a sua estrutura, podemos concluir que o Facebook nos convoca para um tempo presente falso - o presente é o presente em que inscrevo, em que posto, mas aqueles a quem me dirijo têm outros tempos a partir dos quais me respondem num diálogo assíncrono. Por outro lado, considerando que é pela consciência de si por contraposição da consciência do outro que a linguagem constrói a identidade, então, fomos levados a suspeitar que o Facebook permite a ilusão em torno do tu com quem falamos.

A comunicação em Redes Sociais Online, em particular o Facebook, não podem ser consideradas como o primeiro momento do desenvolvimento tecnológico em que o homem comunica interpondo artefactos técnicos entre si e aquele a quem se dirige. A linguagem escrita (manuscrita ou impressa) já tinha alterado as noções de espaço e de tempo. O momento de desenvolvimento tecnológico que nos trás até às comunicações online tem como consequência a alteração da estrutura colectiva e a alteração do poder da linguagem, na medida em que proporciona a aceleração e a contracção dos conceitos newtonianos de espaço e tempo, pelos quais o eu rege a compreensão e apreensão do real. As Redes Sociais Online permitem-nos estar, virtualmente, em qualquer espaço a qualquer momento, os caminhos foram transformados em instantes, a distância perdeu o mistério e a reflexão, o eu coloca-se face ao outro sem lugar de perspectiva. Ou seja, na era digital, a linguagem mantém a sua essencialidade na construção da identidade, o modo e o suporte em que a usamos é que se alterou: o átomo deu lugar ao bit e o homo sapiens assiste ao aparecimento do homo digitalis. Nas Redes Sociais Online, tendemos a ser numa teia de aquis e agoras, que permitem a construção de um eu virtual que se confunde com o nosso próprio computador.

Referências

BENVENISTE, E. (1966). De la subjectivité dans la language. In: ders., **Problèmes de linguistique generale**, 1. Paris: Gallimard, p. 258-266.

MARWICK, Alice E. (2013). Online Identity. In Hartley, J. Burgess, J. & Bruns, A. (eds), **A Companion to new media dynamics**. Blackwell Companions to Cultural Studies to New Media Dynamics, Malden, MA Blackwell, pp. 355-364.

ZHAO, X., SALEHI, N., NARANJIT, S. (2013). **The many faces of Facebook**: Experiencing social media as performance, exhibition, and personal archive. CHI: Changing Perspectives, Paris, France